

A PESQUISA SOB O VIÉS DA INTERSEMIÓTICA: CAMINHOS METODOLÓGICOS

Elisabeth Silva de Almeida Amorim¹

Resumo: Este paper tem como objetivo apresentar os caminhos metodológicos de uma pesquisa sob o viés da intersemiose. Trata-se de um recorte do projeto de tese “Traços da autoria na desmontagem literária: reverberações do signo na (des)construção do leitor-autor” apresentado ao Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural/UNEB. Com base nas contribuições de Barthes, Foucault, Saussure e Santaella as discussões são fomentadas almejando os seguintes resultados: ampliação de estudos teóricos e metodológicos da tese em construção, cumprimento de carga horária no componente curricular Seminários Interlinhas e subsídio para qualificação.

Palavras-Chave: Pesquisa. Intersemiótica. Metodologia.

INTRODUÇÃO

A inquietação do ser humano pautada na investigação da própria interioridade, não é algo recente, os gregos na Antiguidade se preocupavam com busca pelo prazer. E o “Conhece-te a ti mesmo” como resposta do Oráculo de Delfos acerca da sapiência de Sócrates, é o pontapé inicial para investigar virtudes e sabedoria dentro de si antes dos interesses pessoais. Mesmo que tais ações possam gerar sentimentos desagradáveis, como aconteceu com o filósofo ateniense Sócrates (469-399 a.C.), que foi condenado à morte porque não abriu mão de princípios éticos defendidos.

¹ Doutoranda em Crítica Cultural, linha Literatura, Produção Cultural e Modos de vida. Orientador Professor Dr. Roberto Henrique Seidel, bolsista CAPES. Endereço eletrônico: mrs.bamorim@yahoo.com.br.

No entanto, o “Conhece-te a ti mesmo” poderá também nos levar a uma pesquisa que nasceu da resistência e persistência de uma professora de Literatura da Educação Básica que viu no ensino da literatura as linhas de fuga para escapar dos aprisionamentos dos manuais didáticos, bem como, instrumento de formação e transformação do leitor. O objetivo deste texto é apresentar a metodologia de uma pesquisa qualitativa sob o viés da intersemiose. Através de duas sessões; Na primeira “O que é semiótica?” estaremos fazendo arqueologia do signo para responder a questão em destaque, e a segunda “Caminhos da pesquisa literária: um leitor-autor desmontado em rede” situa o campo de atuação em que estamos inserido, primando pela abordagem metodológica para o fortalecimento do leitor-autor.

Vale ressaltar que esta pesquisa está alicerçada na Crítica Cultural, uma crítica que desde as primeiras impressões adquiridas no mestrado, transita por rupturas, desconstruções e interpretações de signos. A desmontagem da literatura sob o viés da intersemiótica fez parte da dissertação, no entanto, há o sujeito, ora autor, ora leitor-autor nos espaços virtuais deixando marcas na formação e transformando-se através das desconstruções literárias. Sujeito este, visto de relance anteriormente, mas neste processo de doutoramento torna-se o foco das pesquisas. Antes, porém, a pergunta que não se cala: O que é semiótica?

O QUE É SEMIÓTICA?

Talvez, esta questão seja bem complexa de encontrar uma resposta consensual devido às diferentes fontes de origem do termo, mesmo porque a semiótica está intimamente ligada aos signos. E dizer que a semiótica é a ciência dos signos, é fato, porém, poderão surgir novos questionamentos sobre o conceito de signo pelo qual estamos trilhando, sob a perspectiva lacaniana ou saussuriana. Antes de enveredar por caminhos opostos, às

vezes, contraditórios firmamos nosso compromisso com a linguística de Saussure e seus seguidores, apesar da busca pelos traços do autor nas desconstruções literárias proporcionar outros percursos em trilhas semióticas, linguísticas, sociológicas e filosóficas, todavia nosso campo de investigação é a literatura.

Santaella e Nöth (2017) trazem significativas contribuições ao campo semiótico, e para a questão que intitula esta seção, inicialmente, temos a resposta:

Numa primeira definição, podemos dizer que a semiótica é a ciência dos sistemas e dos processos signícos na cultura e na natureza. Ela estuda as formas, os tipos, os sistemas de signos, os efeitos do uso dos signos, sinais, indícios, sintomas ou símbolos. Os processos em que os signos desenvolvem o seu potencial são processos de significação, comunicação e interpretação (SANTAELLA; NOTH, 2017, p. 7).

Considerando que a palavra *semiótica* vem do grego antigo (semeiótica) que significa “signo”, o linguista Saussure desempenha um papel importante no campo semiótico que modificou pesquisas linguísticas e das ciências humanas. Apesar de Ferdinand de Saussure (1857-1913) revolucionar a Linguística e outras ciências com a descoberta do signo no início do século XX, os estudos e manuscritos saussurianos proporcionaram uma virada linguística em diferentes campos de saber, principalmente a partir de 1916, três anos após sua morte, quando os ex-alunos Charles Bally e Albert Sechehaye publicaram o Curso de Linguística Geral (CLG), com base nos cursos ministrados pelo professor, na Universidade de Genebra entre os anos 1907 a 1911, e, em anotações e depoimentos de colegas de classe, define o campo de estudo da Linguística e aponta a Semiologia como uma nova ciência para os estudos dos signos, sendo que a Linguística seria uma parte dessa ciência.

pode-se então, conceber uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social; ela constituiria uma parte da Psicologia Social e, por conseguinte, da Psicologia Geral; chamá-

la-emos de Semiologia (do grego semeion, “signo”). Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. Como tal ciência não existe ainda; não se pode dizer o que será... A Linguística não é senão uma parte dessa ciência geral (SAUSSURE, 1969, *apud* FIORIN, 2013, p. 101).

Falar do sistema de signos é imprescindível levar em consideração as postulações de Saussure, para ele há vários sistemas de signos que funcionam como a língua, desse modo, há uma necessidade urgente de se criar uma ciência geral para atender esses sistemas: Semiologia. Como o signo linguístico, conforme Saussure, tem face dupla, é arbitrário e passa pelo crivo do valor, a semiologia tem como objetivo estudar os sistemas com base nas arbitrariedades do signo.

Se o projeto semiológico de Saussure aponta a linguística como uma ciência menor, ou seja, uma parte da semiologia, o semiólogo, filósofo e escritor francês Roland Barthes (1915-1980), bebeu da fonte saussuriana, mas vai além do mestre genebrino. Para ele, a linguística abriga a semiologia em seu campo de conhecimento, não o oposto como afirmou Saussure ao criar a nova ciência, mesmo porque, Barthes defende que todos os sistemas semiológicos perpassam pela linguagem.

...Saussure, retomado pelos principais semiólogos, pensava que a Linguística era apenas uma parte da ciência geral dos signos. Ora, não é absolutamente certo que existam, na vida social de nosso tempo, outros sistemas de signos de certa amplitude, além da linguagem humana. A Semiologia só se ocupou, até agora, de códigos de interesse irrisório, como código rodoviário, logo passamos a conjuntos dotados de uma verdadeira profundidade sociológica, deparamos novamente com a linguagem. Objetos, imagens, comportamentos podem significar, claro está, e o que fazem abundantemente, mas nunca de uma maneira autônoma; qualquer sistema semiológico repassa-se de linguagem (BARTHES, 1971, p. 11-12).

Mesmo divergindo de Saussure no que tange a abrangência da Semiótica, Barthes contribui de forma bem significativa com

estudos semiológicos. Quando pensamos na origem da semiótica enquanto ciência humana, Santaella traz a seguinte contribuição:

A Semiótica, a mais jovem ciência a despontar no horizonte das chamadas ciências humanas, teve um peculiar nascimento, assim como apresenta na atual fase do seu desenvolvimento histórico, uma aparência não menos singular. A primeira peculiaridade reside no fato de ter tido, na realidade, três origens ou sementes lançadas quase simultaneamente no tempo, mas distintas no espaço e na paternidade: uma nos EUA, outra na União Soviética e a terceira na Europa Ocidental (SANTAELLA, 2007, p. 13).

Santaella deixa claro também, que apesar das diferentes ramificações semióticas, ela opta pelo viés norte-americano, através do filósofo e cientista-lógico Charles Sanders Peirce (1839-1914), já que a Semiótica peirceana vai além de uma ciência, mas uma Filosofia científica da linguagem. Segunda Santaella, a ligação de Peirce com a semiótica começou muito cedo, basicamente na adolescência, aos 12 anos de idade, e desde então, todos os estudos matemáticos, filosóficos, lógicos, éticos, astronômicos, entre outros realizados por este cientista, eram vinculados à Semiótica.

Direta ou indiretamente falar de semiótica leva-nos até Saussure, linguista europeu, que influenciou várias gerações de linguistas do mundo todo a repensar a duplicidade do signo, bem como a arbitrariedade. Afinal, através do Curso de Linguística Geral (CLG) ficou definido o objeto teórico da Linguística: a langue (língua), já que a linguagem é um objeto empírico e multiforme, apesar da heterogeneidade dos acontecimentos linguísticos, a língua, enquanto objeto observável e recortado do empírico, é a parte social da linguagem, conforme o conceito de valor, a língua torna-se um objeto teórico, impregnado de diferenças. Afinal, Saussure defende que “há um sistema de signos que exprimem ideias” e a língua é o principal desses sistemas, assim, a Semiologia, como ciências dos signos, daria conta dos sistemas.

Saussure e os seus comentadores optam pelo termo semiologia, não semiótica.

Os termos semiótica e semiologia variam de acordo com a corrente filosófica adotada. Há quem defenda se tratar de mesma ciência, e a variação fica por conta dos principais precursores. Se por um lado Pierce adotou a Semiótica, quase simultaneamente no lado oposto, Saussure optou pela Semiologia. Para Winfried Nöth (2006) desde a Antiguidade o termo semiótica (*Semeiotiké*) era usado no contexto da medicina, não como teoria geral dos signos, mas como “aprendizado médico de sintomas”, mesmo porque os diagnósticos médicos eram considerados “processos de semêiosis” Só a partir do século XVII que surgiram as variações dos termos semiótica e semiologia. Assim, ao falar da origem, Nöth (2006) diz:

Names específicos para designar essa ciência geral dos signos surgiram relativamente tarde. Entre eles, os termos *semiótica* e *semiologia* se firmaram como as designações mais conhecidas para a ciência do signo, às vezes como sinônimos, às vezes como rivais terminológicos. Alternativas terminológicas, tal como *semasiologia*, *sematologia* ou *semologia* caíram em desuso. Também caiu em desuso um antigo sentido do conceito de *semiótica* ligado à sinalização militar, embora, no *Novo Dicionário Aurélio* (edição de 1975), encontra-se ainda a seguinte definição de *semiótica*: “arte de comandar manobras militares por meio de sinais, e não de voz” (NOTH, 2016, p. 1).

O percurso é longo e está longe de se encerrar, no entanto, esta seção teve a pretensão de fazer uma arqueologia sobre a ciência dos signos. A trajetória inicial foi origem e conceito de semiótica/semiologia, porém, ao saltarmos para o século XX, além dos teóricos já citados ao longo do texto, há contribuições significativas do semiólogo italiano Umberto Eco (1932-2016) e do filósofo francês Jacques Derrida (1930-2004), ambos pós-estruturalistas, mas com pensamentos divergentes no que tange a interpretação. Enquanto Derrida defende o texto como “tecido de signos”, desse modo a interpretação poderia ser vista como um

jogo interminável para tecer esses fios que emergem de vários textos/tecidos, por outro lado Eco aponta limites da interpretação, para ele há diferença entre uso e interpretação de texto, porque o uso amplia os sentidos, mas a interpretação não poderá ser aleatória, precisa seguir uma coerência e uma unidade textual (RABENHORST, 2002).

Se de um lado temos Eco, considerado o maior semioticista do mundo, precursor da estética semiótica, aponta concepções estéticas em diferentes fases, desde a Estética medieval de outrora a Estética Pragmática, do outro lado Derrida, um dos mais importantes filósofos de todos os tempos, revolucionou o mundo das pesquisas com o “desconstrutivismo” estratégico. Ambos passaram pelo modelo linguístico saussuriano e foram além. Como os caminhos desta pesquisa literária perpassam pela intersemiótica, muito nos interessa as leituras, desleitura e interpretações feitas acerca do signo linguístico.

Pensando na crítica cultural, Seidel (2020) propõe uma leitura transgressora, libertária, para que a desleitura aconteça, sabe como? Quando a interpretação não é para dominar, impor nem legitimar uma versão do passado, todavia, o texto será usado para “Ler, interpretar, compreender, compreender textos e compreender melhor a si, aos outros e ao mundo à sua volta.” (SEIDEL, 2020, p. 114).

Conforme anunciado, são apenas recortes da pesquisa que une a literatura a outros signos partindo de um ato de criação, porque na sala de aula contemporânea não cabe apenas o fragmento textual que está no livro didático, o estudante de posse do aparelho celular, busca outros caminhos como linhas de fuga para não se deixar ser capturado pelos manuais pedagógicos e afirmar-se leitor-autor de um texto desmontado.

CAMINHOS DA PESQUISA LITERÁRIA: UM LEITOR-AUTOR DESMONTADO EM REDE

... estética da recepção faz o seu princípio hermenêutico segundo o qual a obra se enriquece ao longo dos séculos com as interpretações que delas são dadas (ECO, 2015, p. 9).

Falar da desmontagem literária e da desconstrução do leitor-autor remete a Estética semiótica defendida por Umberto Eco, ele aponta percursos que unem o leitor à interpretação. Primeiro, é necessário identificar o tipo de estética que se pretende trilhar, a estética com infinita interpretabilidade ou estética com a leitura unívoca de textos. Para ele, essa questão é opcional, porque pode um texto com variedades de sentidos, mas o leitor agarrar-se a uma “verdade” como universal, como muitos catequizadores fazem com os textos bíblicos.

A busca pelo leitor não é uma ação recente, no final da década de sessenta, efervescência do estruturalismo, Barthes (2004), aponta o leitor como um viajante que ao longo da leitura a obra vai sendo desvelada, e esse leitor sai do estágio de contemplação e passa a inferir, balançar a cabeça e até escrever sobre o que está sendo lido. Barthes evidencia o mito da morte do autor para que o leitor nasça e ganhe notoriedade no campo da leitura. Outro teórico que traz a discussão acerca do leitor é Wolfgang Iser ao discutir a estética de recepção, ele identifica um leitor implícito capaz de inferir inúmeras interpretações. Vale lembrar que o leitor implícito é uma concepção oriunda da Estética da recepção defendida, em conferência, pelo alemão Hans Robert Jauss, precursor da Estética da Recepção, na Universidade de Constança, Alemanha. Para Jauss a leitura tem um caráter emancipatório, e o leitor, enquanto sujeito histórico, tem a liberdade de interpretar conforme o contexto social e espaço-temporal inserido, já que “o leitor, ao se debruçar sobre um texto, não deve se preocupar com a intenção do autor” (JAUSS, 1982, *apud* FIGURELLI, 1988, p. 270).

Inegavelmente, são muitos teóricos que trazem para o bojo da discussão a questão do leitor, seja sujeito implícito, emancipatório, leitor-autor, crítico, semântico, sujeito, dialógico, leitor-modelo entre outros. Contudo, cada posicionamento assumido perpassa pela interpretação. E Eco (2015) afirma que um leitor-modelo pode ser ingênuo ao fazer uma interpretação meramente semântica, ou leitor-modelo crítico. Em suas palavras,

A interpretação semântica ou semiótica é o resultado do processo pelo qual o destinatário, diante da manifestação linear do texto, preenche-a de significado. A interpretação crítica ou semiótica é, ao contrário, aquela por meio da qual procuramos explicar por quais razões estruturais pode o texto produzir aquelas (ou outras, alternativas) interpretações semânticas (ECO, 2015, p. 12).

Ao transitar pelos caminhos da pesquisa em literatura, observando produções de estudantes da Educação Básica em espaços virtuais, há um leitor em constante estado de construção e desconstrução a partir das interpretações assumidas. Como o texto exposto passa pelo processo de desmontagem do literário onde a série discursiva é modificada pelo leitor, leitor este, ora se multiplica, assumindo a característica de um leitor-autor desmontado, ora se esconde ou aparece atrás de uma performance. A desmontagem aqui, parte da perspectiva filosófica de Derrida sobre “desconstrução”, apesar de o termo utilizado sugerir “destruição”, Derrida o utiliza como uma postura afirmativa de desmonte aos pressupostos da metafísica europeia. Proposta arrojada, mas uma estratégia de leitura e desleitura prazerosa ao desconstruir um texto para aproximá-lo do leitor, transformando-o. Outra contribuição teórico-metodológica é de Amorim (2016) ao apresentar modos de combater, criar e anular os dispositivos de poder através da desmontagem da literatura na Educação Básica, proposta da dissertação de mestrado defendida em 2014.

O leitor-autor para Arena (2009) é um sujeito que está nos espaços virtuais, fazendo uso dos hipertextos e construindo sentidos. A pesquisadora Arena fala que temos pesquisas descritivas sobre as origens da imprensa e das novas tecnologias, mas há uma lacuna sobre as influências desse “novo cenário” na vida das pessoas do século XXI. De certa forma, a literatura em rede através do processo de desconstrução, causa impacto aos leitores, favorecendo a (trans) formação de leitores-autores cada vez mais presentes nos espaços virtuais.

A priori a pesquisa passou por diversos caminhos metodológicos, conseqüentemente, diferentes fases. A pesquisa foi iniciada no período do mestrado (2012-2014), onde as oficinas literárias de leituras e produções, as rodas de leituras, cadastramentos de estudantes em site literário ocorreram. No entanto, nos processos de desconstrução, mesmo o autor com a função dilacerada, movente, como afirma Foucault (1992), surgiu a necessidade de pesquisar a autoria a partir da desconstrução literária, já que o mestrado não deu conta. Assim, Barthes (2004) em consonância com Foucault, aponta a dessacralização do autor, porque segundo ele, o sujeito é falado pela linguagem. Em busca das diferentes linguagens para interpretar a literatura desmontada que surge nos espaços virtuais, encontramos a prática da desmontagem paralela a desconstrução do leitor, e, através da arqueologia do signo, enveredamos pelos limites da interpretação.

O leitor-autor desmontado está cada vez mais assumindo funções diversas, ora autor, ora leitor, ora performático, ora crítico. Quando estudantes do Ensino Médio, em 2017, de uma escola pública do interior da Bahia, foram para o muro da escola e pintaram uma desmontagem da obra “Os sertões”, de Euclides da Cunha (1866-1909), assumidamente, exerceram a função de leitores-autores críticos. Por quê? Eles não deixaram apenas um grafite representando a obra, mas utilizaram elementos

contundentes de denúncias sobre o massacre ocorrido em Canudos no final do século XIX. E estas marcas eram vistas no canhão, nas caveiras, no mandacaru, na terra rachada e no rio com águas vermelhas, com a inscrição: “O sertão vai virar um mar... de sangue.” Podemos afirmar que estes estudantes, estão longe de uma interpretação meramente semântica, ingênua, mesmo porque a arte literária no muro foi coberta no ano seguinte, provavelmente, por conta da mensagem crítica transmitida, todavia com ajuda das tecnologias digitais, os registros fotográficos circulam.

O autor “Euclides da Cunha” aparece na arte estudantil como se assinasse a obra-fruto da desconstrução literária, porque na desmontagem o leitor-autor é responsável pela produção, conforme a interpretação do texto. No entanto, o livro lido estava ali; na imagem, no título “Os sertões”, no nome próprio “Euclides da Cunha” e na alusão a profecia de Antônio Conselheiro sobre o sertão virar mar, marcas autorais que induzem o leitor/transeunte buscar a literatura anunciada. Para Derrida (2014) a desconstrução não atrapalha o leitor a sentir-se prazer pelo texto, pelo contrário, a desconstrução libera o gozo proibido.

CONCLUSÃO (EM TRÂNSITO)

Longe de encerrar esta discussão, os traços autorais se fazem presentes nas desmontagens literárias que circulam nos espaços digitais. Como vivemos numa sociedade em rede (CASTELLS, 1999), independente da conexão com os aparelhos tecnológicos, estamos intimamente conectados uns aos outros. E com a literatura em rede não é diferente, mesmo em situações performáticas, os diálogos acontecem entre um leitor-autor e outro, ou leitor-autor e o próprio autor / texto quando estes elementos servem de criação para novos textos. Como encontramos em rede, “Bilhete ao Mário Quintana” como resultado de oficinas de poesias, sendo que a poesia “Bilhete”, de

Mário Quintana recebeu várias desconstruções com diálogos entre leitor, autor, obra e leitor-autor.

A desmontagem da literatura como estratégia de afirmação do leitor-autor atende uma abordagem desconstrutivista de Derrida, bem como o ato de criação (DELEUZE, 1999), pois passar de uma série discursiva para outra, necessita refletir sobre a criação e criador do texto desmontado. A literatura associada a outros signos tem a força de poder que permite a multiplicação de sentidos do literário, tal força é chamada de semiosis, conforme Barthes (s/d).

“Conhece-te a ti mesmo” serve de mote para refletir sobre práxis, antes os passos da pesquisa eram incertos diante das inquietações, todavia, à medida que a busca pela autoria se concretiza, a literatura se desmonta em sites, blogs e canal de youtube. Não temos todas as respostas, porém é correto afirmar que o “leitor-modelo” ingênuo cada vez mais se distancia do processo de desmontagem, e surge um leitor-autor crítico, desmontado, que se (re) inventa a cada texto. E os vários poemas “Bilhete” ao Mário Quintana, disponíveis no blog “toquepoetico.wordpress.com” mostram traços da autoria. Por enquanto, encerramos com esse “Bilhete” de um Leitor-autor, Ensino Médio, 2004, ao assumir o eu-lírico do poema de Mário Quintana o responde:

Eu não te amo mais
Não grite meu nome
Deixe-me em paz!
Enfim, fique longe
Longe de mim.
Tem que ser depressa
Que a vida é breve, e este amor
Para mim
NÃO SERVE!

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Elisabeth S.A. *Desmontagem literária na educação básica: modos de criar, modos de combater e anular dispositivos de poder*. Novas Edições Acadêmicas – Omni Scriptum GmbH & Co.KG: Saarbrucken/Niemcy – Alemanha, 2016.
- ARENA, Adriana Pastorello Buim. Leitor-autor: o sujeito construtor de sentido. In: *Revista de Educação PUC-Campinas*, n. 26, p. 19-28, jan/jun, 2009.
- BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. Trad. Izidoro Blikstein, 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.
- BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França*. Pronunciada em 7 de janeiro de 1977. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, s/d.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*; prefácio Leyla Perrone-Moisés; tradução Mário Laranjeira; revisão de tradução Andréa Stahel M. da Silva – 2. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DERRIDA, Jacques. *Uma estranha instituição chamada literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- ECO, Umberto. *Os limites da interpretação (Estudos)*. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- FIGURELLI, Roberto. *Hans Robert Jauss e a Estética da recepção*. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19243/12535> Revistas UFPR, Letras. Curitiba, 1988. p. 265-285. Acesso em: 10 out. 2021.
- FIORIN, José Luiz. O projeto semiológico. Em: FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges; (Org.) *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 99-111.
- FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. (Org.) *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *O que é o autor?* Trad. de Antônio Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Vega, 1992.
- NOTH, Winfried. Semiótica e Semiologia: os conceitos e as tradições. Em: *Revista Eletrônica de Jornalismo Científico-Com Ciência*. Publicado em 10/03/2006, disponível em: <https://comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=11&id=82>. Acesso em: 10 out. 2021.
- OSWALD, Maria Luiza Magalhães; COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro do; WORCMAN, Karen. (Org.) *Narrativas digitais, memórias e guarda*. 1. ed. Curitiba – PR: CRV, 2014.

RABENHORST, Eduardo Ramalho. *Sobre os limites da interpretação. O debate entre Umberto Eco e Jacques Derrida*. Prim Facie, ano 1, n. 1, jul/dez 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/primafacie/article/view/4205>. Acesso em: 5 nov. 2021.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção primeiros passos).

SANTAELLA, Lúcia; NOTH, Winfried. *Introdução à semiótica: passo a passo para compreender os signos e a significação*. São Paulo: Paulus, 2017. Coleção introduções.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Org. Charles Bally, Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger, prefácio Isaac Nicolau Salum, tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein, 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEIDEL, Roberto Henrique. As materialidades do texto na contemporaneidade: deslendo os conceitos de leitor, autor e obra. In: FÉLIX, José Carlos; SALVADORI, Juliana Cristina. *Desleitura-o autor e o leitor no jogo do texto*. (Org.) 1. ed. Curitiba-Appris, 2020, p. 173.